

A POESIA ERÓTICA DRUMMONDIANA: UMA PROPOSTA DE REFLEXÃO

LIZANDRO CARLOS CALEGARI
UFSM

1. INTRODUÇÃO

A leitura dos textos da fortuna crítica referentes a Carlos Drummond de Andrade não revela – se consideradas as demais reflexões acerca de sua produção – um grande adentramento no tocante a temática amorosa. A questão fica mais marginalizada em se tratando da poesia erótica drummondiana.

Com respaldo nesses pressupostos, é importante avaliar as circunstâncias que justifiquem essa tendência de os críticos não abordarem satisfatoriamente esse tópico, uma vez que a temática amorosa pode ser rasteada em toda a obra drummondiana. A reflexão aqui, no entanto, é mais delicada, uma vez que consiste numa avaliação da representação estética do amor erótico.

Partindo das considerações expostas, é importante salientar que o presente estudo comporta divisões de modo que alguns tópicos possam ser refletidos em vista dos poemas examinados. Para tanto, foram selecionados alguns pontos consignados relevantes para a abordagem pretendida.

Na primeira parte, *A lírica drummondiana e os poemas eróticos*, são exibidos comentários com relação à produção erótica de Drummond e a sua relação com a produção anterior. Tais críticas, do mesmo modo que se propõem a justificar a escolha da presente abordagem, servem como ponto de partida para explicar as razões pelas quais as poesias eróticas do autor ganharam um respaldo mais significativo a partir de 1970.

Na segunda parte, *O erotismo e a sexualidade na poesia drummondiana*, pretendem-se realizar a análise e a interpretação de alguns fragmentos de poesias. Juntamente à abordagem desse exame, são trazidos à luz alguns elementos teóricos que, a rigor, contribuirão para a compreensão dos textos.

De acordo com esses pressupostos, evidencia-se, de certa forma, que a poesia erótica escrita por Drummond nos anos 70 resguarda elementos críticos com relação a determinados setores sociais. Esse trabalho propõe-se, pois, a trazer à tona algumas dessas críticas.

2. A LÍRICA DRUMMONDIANA E OS POEMAS ERÓTICOS

Esboçar uma abordagem que justifique a relação entre a poesia erótica e a poesia lírica drummondiana anterior a essa última consiste numa questão de enorme complexidade. Em virtude disso, o que se coloca aqui constitui-se, com efeito, numa tentativa de tecer alguns comentários que servirão como pontos de referência relativamente simplificados, que não substituem uma reflexão mais minuciosa.

Na tentativa de engendrar uma reflexão plausível acerca da relação aqui pretendida, é necessário articular alguns elementos que condizem com as condições de produção da poesia drummondiana. As leituras das obras de Drummond – desde *Alguma Poesia* (1930) até *Esquecer para Lembrar* (1979) – dialogam principalmente com questões aderentes ao pessimismo, à reflexão existencialista, ao individualismo, ao interesse pela vida social, à debilidade do mundo e do indivíduo, à morte, à família e mesmo ao amor.

Na esteira dessa abordagem, cabe salientar que a concepção amorosa aderida por Drummond foge a sua aceção habitual e situa-se no plano da recomposição do caos universal, conforme explicita o seguinte fragmento do poema *Reconhecimento do amor*:

20. (...) desde aquele momento intemporal
21. em que os seres são apenas hipóteses não formuladas
22. no caos universal.
23. Como nos enganamos fugindo ao amor!

E, nesse particular, Luiz Costa Lima salienta, que, no contexto drummondiano, “o amor oferece matéria pela qual o impulso, o misturado, o confuso, o mundo ainda pode ser alcançado”¹.

As recentes publicações de Drummond – em especial a partir dos anos 70 – revelam, todavia, um iminente processo de maturação do poeta. Essa constatação justifica-se pela representação estética do amor erótico resguardada em alguns poemas do autor. Importa, aqui, traçar alguns comentários que justifiquem em que sentido essa maturação ocorre.

Uma das razões mais coerentes atribuída a essa temática possivelmente consistiria numa resposta à coibição imposta pela Ditadura Militar implantada no Brasil anteriormente à década de 70. E, nesse sentido, é importante abordar a questão da representação do sujeito na lírica drummondiana anterior à publicação dos textos eróticos e, afora isso, o novo contexto sócio-político-cultural instituído nesse período.

Importa, pois, frisar que o conteúdo da poesia erótica drummondiana, enquanto encontro amoroso, supõe e exige o corpo como forma de expressão, de busca e de

consecução do prazer. Acontece, no entanto, que a poesia lírica drummondiana, anterior a 1970, não zela pela representação do sujeito na sua integridade. Ou seja, existe uma negação dos indivíduos que são apresentados como “frágeis, agitados, constituídos de pouca substância, preocupados por coisas compreensíveis, incapazes de viver em comunhão com a natureza, ficam tristes e por isso, cruéis”². A poesia erótica do poeta itabirano – exigindo, pois, a integridade do ser – superaria essa dificuldade de representação restituindo o ser humano como ele deveria ser.

A poesia erótica do escritor mineiro empreenderia ainda uma reflexão acerca do mundo atual amplamente regulado pela tecnologia. A sexualidade teria como principal finalidade a reprodução. Acontece, no entanto, que a humanidade dispõe de técnicas de reprodução *in vitro*, a clonagem, as estratégias de mapeamento de DNA, o que reduziria a finalidade da sexualidade ao prazer. Isso torna evidente o efeito da máquina sobre o corpo, física e mentalmente influenciado. Numa entrevista concedida à revista ISTOÉ, o psicoterapeuta Sócrates Nolasco salienta que “a sexualidade, tal e qual conhecemos tradicionalmente, não tem mais sentido nesse mundo regulado pela tecnologia. Nem como força, vigor ou expressão da natureza”³. Ressalta ainda que o homem assumiria o papel de objeto de entretenimento.

Drummond, através da poesia erótica, despertaria no leitor o interesse pela reflexão acerca da sexualidade, afora a importância do papel dos homens numa sociedade reificada.

3. O EROTISMO E A SEXUALIDADE NA POESIA DRUMMONDIANA

A diferenciação entre os conceitos de pornografia e de erotismo (se existir determinada distinção) não é relativamente clara. Lúcia Castello Branco observa que, na primeira categoria, inserem-se aquelas obras que “realizam a exploração do sexo com fim em si próprio, sem preocupações com o caráter estético”⁴. A autora considera esses textos como pornografia ou subliteratura. No segundo caso, enquadram-se aquelas obras que “a partir do sexo, abordam outros motivos e por fim, transcendem o caráter exclusivamente sexual”⁵. Ter-se-iam, aqui, textos considerados eróticos, conseqüentemente literários.

É coerente, assim, estabelecer, a distinção entre a atividade sexual e o erotismo. Para Georges Bataille:

A atividade sexual de reprodução é comum aos animais sexuais e aos homens, mas, aparentemente, só os homens fizeram de sua atividade sexual uma atividade erótica, e o que diferencia o erotismo da atividade sexual simples é uma procura psicológica independente do fim natural encontrado na reprodução e na preocupação das crianças⁶.

Outros contrastes mais específicos podem ser determinados entre a atividade sexual e erotismo. A sexualidade é, a rigor, hereditária e instintiva, ao passo que o erotismo consiste num produto da tradição espiritual e estética e tem sua satisfação vinculada a um maior requinte de sensualidade. Afora isso, o mundo da sexualidade é circunscrito pelos limites da anatomia e da fisiologia – portanto mais uniforme para todos os indivíduos –, enquanto que o mundo da erótica está inserido no território da estética e há uma extrema diversidade entre indivíduos e/ou no próprio indivíduo⁷.

Parece, no entanto, existir uma confusão na concepção desses vocábulos. A propósito, numa entrevista concedida acerca da possibilidade de publicação de sua poesia erótica, Drummond mostra-se consciente da problemática concernente à categorização de seus escritos. Nesse sentido, o poeta mineiro diz o seguinte:

(...) eu não sei quando sairá. Nem mesmo se sairá. Ele está guardado na gaveta, sem pressa nenhuma. São poemas eróticos, que eu tenho guardado, porque há no Brasil – não sei se no mundo –, no momento, uma onda que não é de erotismo. É de pornografia. E eu não gostaria que os meus poemas fossem rotulados de pornográficos. Pelo contrário, eles procuram dignificar, cantar o amor físico, porém sem nenhuma palavra grosseira, sem nenhum palavrão, sem nada que choque a sensibilidade do leitor. É uma coisa de certa elevação. Então, isso fica guardado para tempos melhores, em que haja uma possibilidade maior de ser lido, compreendido e não ridicularizado ou atacado como se fosse coisa de velho bandalho... Eu não quero ser chamado disso não⁸.

A temática erótica na poesia drummondiana suscita vários pontos de vista. Para Robson Pereira Gonçalves, o “erotismo drummondiano se estabelece (...) muito mais na temática que descreve o mundo do que na pretensa criação de estados poéticos da pornografia (erotização do ato amoroso)”⁹. Serão analisados, subseqüentemente, fragmentos de três poemas com o fito de avaliar a dimensão erótica aí presente.

A moça mostrava a coxa

01. A moça mostrava a coxa,
02. A moça mostrava a nádega,
03. Só não me mostrava aquilo
04. – concha, berilo, esmeralda –
- [...]
29. (...) Os dedos

30. descobriam-lhe segredos
31. lentos, curtos, animais,
32. porém o máximo arcano,
33. o todo esquivo, noturno,
34. a tríplice chave da urna,
35. essa a louca sonégava,
36. não me daria nem nada.
37. Antes nunca me acenasse,
38. Viver não tinha propósito,
39. andar perdera o sentido,
40. o tempo não desatava
41. nem vinha a morte render-me
42. ao luzir da estrela d'alva,
43. que nessa hora já primeira,
44. violento, subia o enjôo
45. de fera presa no Zôo.
46. Como lhe sabia a pele,
47. em seu côncavo e convexo,
48. em seu poro, em seu dourado
49. pêlo de ventre! mas sexo
50. era segredo de Estado.
[...]
61. Tudo a bela me ofertava,
62. e que eu beijasse ou mordesse,
63. fizesse sangue: fazia.
64. Mas seu púbis recusava.
65. Na noite acesa, no dia,
66. sua coxa se cerrava.
67. Na praia, na ventania,
68. quanto mais eu insistia,
69. sua coxa me apertava.
[...]
94. Por que viria ofertar-me
95. quando a noite já vai fria,
96. sua nívea rosa preta
97. nunca por mim visitada,
98. inacessível naveta?
99. Ou nem teria naveta...
(Extraído de O Amor Natural, p. 15-18)

A leitura do poema *A moça mostrava a coxa* revela uma série de elementos que atestam a não consumação do prazer por parte do sujeito lírico. Em virtude disso, nota-se o predomínio de um conjunto de traços disfóricos sobre os eufóricos. Ou seja, existe um feixe de categorias semânticas de conteúdo negativo que se sobressai em relação ao conteúdo positivo.

Os versos 01 e 02 criam, gradativamente, uma expectativa de sedução e envolvimento sexual entre os parceiros. O paralelismo sintático e, principalmente, o semântico, juntamente com a aliteração de sons e o ritmo dos versos contribuem na confirmação desse movimento. No entanto, os versos 03 e 04 – ao mesmo tempo que rompem com o paralelismo estabelecido até então – expõem o envolvimento amoroso carnal ao equívoco. Nesses versos iniciais, o objeto do desejo inatingível é referido metaforicamente através dos vocábulos “concha”, “berilo” e “esmeralda” (v. 04), ao passo que os expostos – ou seja, a “coxa” (v. 01) e a “nádega” (v. 02) – são, por seu turno, registrados denotativamente. Essa estratégia de distanciamento propicia, então, o crescimento do desejo e do imaginário do eu-lírico.

Conforme antecipa a expectativa criada pelos versos iniciais, os versos 29 a 36 confirmam o fato de a figura feminina ter controle (se existir concretamente uma figura feminina nesse poema: o sujeito-lírico pode estar numa atitude masturbatória, idealizando uma mulher) e, pois, comandar o jogo erótico. Há, nesses versos, o ocultamento do púbis feminino que, aí, é substituído pelas expressões “máximo arcano” (v. 32), “o todo esquivo” (v. 33) e “urna” (v. 34). Nas palavras de Gonçalves:

Drummond investe no inalcançável como forma de conjugar o imaginário do gozo, pois este é escondido, não-representável. Por isso, as metáforas são sempre substitutos do objeto do desejo: são *concha*, *berilo*, *esmeralda*, não modulando o significante para um gozo, mas remetendo o fluxo lírico para uma desintomatização do objeto¹⁰.

Principalmente a partir do verso 37 (até o 45), predomina o tom de lamento. A melancolia do sujeito-lírico corresponde a sua impossibilidade de entender por que a mulher não está presente. A inacessibilidade ao gozo desestimula o viver do eu-lírico (v. 38) de forma a descentralizá-lo (v. 39). Afora isso, nem a “morte (v. 41) surge como algo libertador de seu sofrimento. O objeto de desejo inalcançado é novamente retomado nos versos 46 a 49, por metáforas – “seu côncavo e convexo” (v. 47), “seu poro” (v. 48), “seu dourado pêlo de ventre” (v. 48/49). O sexo, nos versos 49 e 50, é, por sua vez, equiparado ao “segredo de Estado”, devido ao caráter de ocultamento e repressão dos desejos.

A partir daí (versos 61 a 69) – em meio a aliterações e rimas – o erotismo “situa-se ao nível da intermitência entre contemplação/posse, oferecimento/

recusa, impedindo/propiciando o crescimento do desejo que ao final, não se atualiza em prazer”¹¹.

A melancolia do eu-lírico se intensifica nos últimos versos do poema. Sua solidão e decepção o situam na noite fria (v. 95) reforçando o distanciamento da “névea rosa preta” (v. 96) e/ou da “naveta” (v. 98), ambas exclusivamente inacessíveis. A conformação do eu-lírico encontra-se, pois, situada na possibilidade de inexistência da referida “naveta” (v. 99), o que desintensifica sua dor.

O chão é cama

01. O chão é cama para o amor urgente,
 02. Amor que não espera ir para a cama.
 03. Sobre tapete ou duro piso a gente
 04. compõe de corpo e corpo a úmida trama.
 05. E para repousar do amor, vamos à cama.
- (Extraído de *O Amor Natural*, p. 27)

O chão é cama consiste num poema formado por cinco versos distribuídos em um quarteto e um monóstico. O tamanho exíguo do poema corrobora, pois, para a intensificação da necessidade da fruição do “amor urgente” (v. 01). Ademais, o esquema de rimas na primeira estrofe é cruzado – ABAB –, o que vem ao encontro da “trama” (v. 03) exigida pelos corpos. No presente fugaz, em que a ordem é a satisfação imediata do prazer, os parceiros sexuais desaparecem – tornam-se “corpo e corpo” (v. 04) – e, inexpressivamente, estão fundidos no “a gente” (v. 03). A irrefreada atração física – “que não espera ir para a cama” (v. 02) – arrasta, inevitavelmente, os corpos sobre o “tapete” ou sobre o “duro piso” (v. 03). Nesse momento, então, o prazer *no* texto se concretiza.

O monóstico é reservado para tratar da necessidade de repouso “do amor” (v. 05). Depois da “úmida trama” (v. 04), homem e mulher (homem e homem ou mulher e mulher) vão “à cama” (v. 05) e aí, dá-se a sua separação. Essa possibilidade de isolamento se confere no uso de sujeito oculto em primeira pessoa, plural, relativo ao verbo “vamos” (v. 05). A unidade coesa homem-mulher (homem-homem ou mulher-mulher) é, na primeira estrofe, intensificada pelo uso de versos decassílabos. A cisão, no entanto, coincide com a troca de estrofe e a perda da isometria sugerida na estrofe anterior. Não obstante esses elementos que, com efeito, denunciam essa fragmentação, há um contínuo amoroso por parte dos sujeitos. A rima estabelecida entre os versos 02, 04 e 05 atestam a permanência do sentimento amoroso.

Diferentemente do poema *A moça mostrava a coxa*, o texto *O chão é cama* busca equilibrar elementos disfóricos e eufóricos. Ou seja, o conteúdo negativo

e o positivo caminham e se esvaem ao mesmo compasso. Como feixe positivo, tem-se a realização da fruição amorosa, ao passo que, negativamente, tem-se a consecução apressada do ato sexual.

Em teu crespo jardim, anêmonas castanhas

01. Em teu crespo jardim, anêmonas castanhas
 02. detêm a mão ansiosa: Devagar.
 03. Cada pétala ou sépala seja lentamente
 04. acariciada, céu; e a vista pouse,
 05. beijo abstrato, antes do beijo ritual,
 06. na flora pubescente, amor; tudo é sagrado.
- (Extraído de *O Amor Natural*, p. 21)

Em teu crespo jardim, anêmonas castanhas exhibe o ritual que precede a celebração do encontro amoroso. Aqui, o “prazer (...) extrapola as próprias dimensões do texto, adquirindo dimensão universal”¹²; além disso, agora, a “euforia suplanta a disforia”¹³.

Esse poema centra-se basicamente no púbis feminino, novamente referido por metáforas: “flora pubescente” (v. 06). Os vocábulos empregados para representar a região genital feminina são extraídos do campo semântico relativo a planta e mais especificamente, a flor, metáforas intimamente associadas à natureza. Esses elementos associativos conotam, pois, um tom de tranquilidade e harmonia, semelhante ao ambiente edênico, onde “tudo é sagrado” (v. 04).

O discurso poético, conforme sugere a leitura dos versos do poema, oscila entre uma voz masculina (ou feminina) e a feminina. A primeira expressa seu desejo e ansiedade; a segunda é ofertante de prazer. O binário masculino/feminino (ou feminisno/feminino) é, por seu turno, complementar, no entanto, é uma figura feminina que condiciona e estabelece as modificações da atitude erótica do eu poético.

Há uma procura pela mulher – seu “beijo abstrato” e “ritual” (v. 05) – e, à ansiedade masculina (ou feminina), a mulher – fonte e receptáculo de prazer – responde: “Devagar” (v. 02). No último verso, o prazer é compartilhado, o gozo corpóreo se concretiza e é sacralizado: “amor; tudo é sagrado” (v. 06).

4. FECHAMENTO

Essa pesquisa buscou propostas de interpretação que justificassem a relação da poesia erótica drummondiana – produzida na década de 70 – e a produção

lítica anterior a essa. Além disso, foram examinados determinados poemas procurando avaliar a sua dimensão erótica.

No que concerne à poesia erótica drummondiana, chegou-se à constatação de que esta dialoga com a repressão imposta pela Ditadura Militar que, a rigor, não zela pela integridade do sujeito. A poesia erótica, exigindo a integridade do ser, subverte isso. Ademais, Drummond expõe poemas em que a trama amorosa se concretiza (ou não) entre parceiros de desejos heteroeróticos ou homoeróticos, e isso, de certa forma, vai de encontro aos ideais propostos pelo patriarcado.

Em *A moça mostrava a coxa*, a mulher domina o ambiente e comanda o jogo erótico. O eu-lírico está um tanto que distanciado dela (se ela de fato existir) no sentido de que não frui o seu prazer. *O chão é cama* situa a concretude do prazer no texto. Existe uma correspondência da mulher ou do homem por parte do eu-lírico, desejoso de prazer. Em meio a esses elementos de concepção positiva, surge, enquanto concepção negativa, a necessidade da realização imediata do coito. Já em *Em teu crespo jardim, anêmonas castanhas*, ambos os parceiros sexuais são desejosos de prazer. A mulher é, aqui, fonte e receptáculo de prazer.

Obviamente, a análise não se exaure aí, mas fica propensa a novas leituras e interpretações; o que se buscou aqui foi um ponto de partida para novas reflexões.

Notas

- 1 LIMA, Luiz Costa. *Lira e antilira*. 2. ed. Rio de Janeiro: Topbooks, 1995, p. 182.
- 2 CANDIDO, Antonio. Inquietude na poesia de Drummond. In: _____. *Vários escritos*. 3. ed. Revisada e ampliada. São Paulo: Duas Cidades, 1995, p. 114.
- 3 LOBATO, Eliane. A violência é masculina. Revista *IstoÉ*. n. 1662, 8 ago. 2001, p. 13.
- 4 BRANCO, Lúcia Castello. *Eros travestido: um estudo do erotismo no realismo burguês brasileiro*. Belo Horizonte: UFMG, 1995, p. 18.
- 5 *Ibid.*, p. 18.
- 6 BATAILLE, Georges. *O erotismo*. 2. ed. Porto Alegre: L & PM, 1987, p. 11.
- 7 Essas informações foram extraídas de http://www.spacnet.com.br/sex/mag_zut.htm em fevereiro de 2002.
- 8 BARRERO, Mattos. Drummond; brinqueado de amar. O Estado de São Paulo, 1 set. 1985, p. 31 apud BARBOSA, Rita de Cassia. *Poemas eróticos de Carlos Drummond de Andrade*. São Paulo: Ática, 1997, p. 8.
- 9 GONÇALVES, Robson Pereira. Do gozo interrompido: o erotismo em Drummond. In: _____. *Percurso do Aprendiz*. Santa Maria, 1997, p. 200.
- 10 *Ibid.*, p. 204-205.
- 11 BARBOSA, Rita de Cassia. *Poemas eróticos de Carlos Drummond de Andrade*. São Paulo: Ática, 1997, p. 34.
- 12 *Ibid.*, p. 29.
- 13 *Ibid.*, p. 29.